

080

KILKERRY (RELIDO). Jeferson Mello Rocha, Ana Maria Lisboa de Mello (orient.) (UFRGS).

Em sua fase de conclusão, o projeto *A Poesia Metafísica no Brasil: percursos e modulações* dedica-se ao estudo crítico do poeta baiano Pedro Kilkerry (1885-1917) e à análise das formas líricas latentes que marcam a trajetória da poesia brasileira em momento de assimilação dos instintos dissonantes da modernidade estética. A obra inconclusa de Kilkerry é a asa de um olhar visionário ancorada ao cerne móbil que transcende o poético histórico, retrocede além do primórdio homérico e fundamenta-se no complexo órfico, mito que anseia a poesia eterna pelo ritmo de um pesar que reluz a ouro obscuro. Conforme nos leva a pensar Carlos Chiacchio, em um dos poucos artigos sobre Kilkerry, a dialética entre mitológico e moderno ecoa de um panteísmo pagão que aloja o verso em uma crise radicada na palavra aflita e faz da poesia "a própria vida tumultuada". Eis o espectro a rondar a antecâmara que, neste estudo, tanto pode conduzir ao reparo de uma crítica estrangida pela omissão que relega ao esquecimento, como sentir ser o nosso poeta o solitário búzio sobre a mesa, augúrio abandonado pela voz do oráculo. Dizer até quando uma forma atualizou-se no sistema literário é perigoso limite que confrange Pedro Kilkerry entre a influência parnasiana de um Alberto de Oliveira e o ímpeto protomodernista trazido de Mallarmé. Rer uma obra é um signo metacrítico, e a trajetória poética do verme pulsa à procura de um espaço incipiente no Simbolismo brasileiro – harpa que plange um território até então esquisito: "O Inconsciente será um poeta simbolista? (...) Pois eu te o digo, o inconsciente é um Rimbaud admirável, trabalha todo esse inanimado universal. A sua pena? O seu lápis? A energia, que é o teu canto como é a voz de qualquer sapo." (BIC).